

MEMÓRIAS E ORALIDADE DOS FEIRANTES LUSO-BRASILEIROS SOBRE SEU RESPECTIVOS LÓCUS DE TRABALHO DIÁRIO: ASPECTOS DE IDENTIFICAÇÃO E VALORES CONCEBIDOS POR ESSES SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo¹

Resumo: Sabemos que os métodos e as técnicas de pesquisa em História tem se ressignificado a cada década, desde a inserção da História Social e da Nova História Cultural, onde os sujeitos por si só já se auto-definem, e suas memórias contextualizadas no tempo investigado viram fontes de pesquisa de grande contributo para a Historiografia Brasileira e mundial. Nesse sentido, e guiados pelo método de pesquisa da História Oral, se configura nossa pesquisa, pretendemos, contudo nesse trabalho apresentar os discursos produzidos pelos feirantes na contemporaneidade, localizados nas feiras Luso-Brasileiras, em especial a feira nortista portuguesa na cidade de Ponte de Lima e a feira nordestina brasileira em Campina Grande-PB. Tais discursos serão evidenciados no tocante aos aspectos de identificação e de valores desses feirantes com o lócus de trabalho diário, a partir do cotidiano vivenciado por esses sujeitos sociáveis.

Palavras-chave: Memória; História Oral; Discursos múltiplos.

MEMOIRS AND REMINISCENCES OF LUSO-BRASILIAN FAIR-WORKERS ON THEIR RESPECTIVE LOCATIONS OF DAILY WORK: IDENTIFICATION ASPECTS AND CULTURAL VALUES CONCEIVED NOWADAYS

Abstract: It is well-known that, starting from the insertion of Social History and New Cultural History where people are already auto-defined by themselves, the research methods and techniques have been changed its signification to each decade, and human's contextual memoirs in the investigated periods turn to be sources for research of great contribution for Brazilian and world-wide Historiography. Our study follows this direction, and is guided by the method of Verbal History research. We intend however to present here the Luso-Brazilians fair-workers' talks nowadays; specially from the north-portuguese fair at the city of Ponte de Lima and the northeastern brazilian fair at Campina Grande. Such speeches will be evidenced regarding to the identification aspects and cultural values of these sociable citizens.

Key Words: Memory; Verbal history; Multiple talks.

Iniciaremos nossa discussão com a seguinte tese: Com o “novo” formato que a História ganhou no século passado, desde a contribuição dos Analles, perpassando pela relação estabelecida com a Antropologia, com a Sociologia, com a Geografia e com a

¹ Favip- Faculdade do Vale do Ipojuca. Doutoranda em História Contemporânea pela Universidade do Minho e em História Social pela UFBA, mestre em Ciências da Sociedade, graduada e especialista em História pela UEPB. Auxílio financeiro para participação no evento concedido pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFBA.

Economia, diante da inserção de novos fazeres históricos advindos da História Social, História Cultural e Nova História Cultural, a História ganha representatividade de valoração interpretativa no processo do fazer histórico. Nesse sentido a utilização das fontes históricas² também passam a ser ampliadas em busca de uma maior complementariedade no que diz respeito ao campo teórico e ao que vem sendo investigado. As fontes orais são resultados desse processo, uma vez que aliada a memória coletiva representa o público investigado falando de suas próprias experiências, contudo fica ainda mais claro com as fontes orais, que são documentos históricos, que os “sujeitos são essencialmente históricos”, independentemente a que classe social esteja vinculado. Seguindo essa concepção produzimos esse trabalho, valorizando as fontes orais como documentos históricos. Organizamos o presente texto em dois momentos. No primeiro deles abordaremos as concepções teóricas que influenciaram nosso trabalho no que concerne à questão da oralidade, das identidades e da memória, no segundo apresentaremos um pouco das características de nosso objeto de investigação, nos referimos às feiras de Campina Grande-PB no Brasil e a feira de Ponte de Lima em Portugal, relacionando aos depoimentos, os discursos dos sujeitos de nossa pesquisa, os feirantes descrevendo sobre seu lócus de trabalho rotineiro. Nesse instante, portanto perceberemos as concepções valorativas desses depoentes promovendo um estudo comparativo dos lugares investigados.

I. Oralidade, Memória e Identidade uma tríade necessária para a construção do sujeito

Trabalhar com fontes orais hoje virou “modismo” para aqueles que investigam sobretudo a História Contemporânea, no entanto se faz necessário que fiquemos atentos a algumas questões para não cairmos nas “garras” dos críticos da História Oral. Primeiramente temos que ter cuidado para não utilizarmos os depoimentos de maneira isolada, se faz necessários que dialoguemos com outras fontes para estarmos analisando e não apenas reproduzindo aquilo que foi dito por nossos depoentes. Essa relação dialética entre as fontes possibilitará críticas a respeito do que está escrito nos documentos e o que está sendo dito pelo nosso depoente. Nessa perspectiva estamos construindo nosso trabalho³, o que é um

² É bom lembrar que a utilização de fontes orais como depoimentos históricos não é algo recente na História da humanidade, pois desde a antiguidade os historiadores já faziam uso de tal procedimento investigativo. No entanto, com o Positivismo essa prática metodológica “caiu em desuso”, embora Marx, Engels e outros tenham dado continuidade a essa prática, mas a partir da década de 1970 os historiadores procuram fazer a relação comparativa entre todas as fontes históricas não utilizando apenas a oralidade ou os documentos escritos como no passado. Debatendo questões referentes à memória e a História.

³ Tese de doutoramento, intitulada: A dinâmica entre as resistências e estratégias de continuidade dos sujeitos nas feiras contemporâneas diante dos impactos decorrentes do fenômeno da globalização. (1985 ao presente)

desafio dado à relação que temos que estabelecer entre as fontes, a teoria e os dois universos de pesquisa investigados⁴. Uma outra questão que devemos ficar atentos é para o fato de observarmos que fenômeno histórico é uma coisa e as lembranças traduzidas na memória dos entrevistados sobre o fenômeno histórico é outra, podendo ter relação entre si mas não necessariamente, daí a necessidade do estudo, a busca por essa investigação, confrontando os dados, as fontes sobretudo as consagradas oficiais e tidas como “verdadeiras”.

No que concerne entre a relação estabelecida entre oralidade e memória, não a vemos de forma desassociada, pois percebemos essa última como representação das lembranças vividas e travestidas em experiências, tendo a oralidade como possibilidade de denúncia ou mesmo de anunciação para fatos até então silenciados⁵.

Nesse contexto, percebemos o papel da memória coletiva no mundo moderno estando associado aos aspectos culturais, ligados a experiência, ao cotidiano, as práticas coletivas de sobrevivência, a formas de resistências, aos embates, e todas as ações dos indivíduos praticadas individualmente ou em grupo que são rememoradas de forma autoconsciente fruto de um processo histórico. Assim sendo, a memória pode ser considerada como fenômeno social com implicações históricas. Haja vista a memória não ser apenas um depositário de dados mas acima de tudo um instrumento socialmente criado e compartilhado.

Quanto à questão identitária estando relacionada à memória e a história oral, consiste no fato de sabermos que a História oral se desenvolveu na década de 1970 vinculada à problemática dos estudos das identidades. Percebemos, contudo a memória coletiva como configuração de formação de suas identidades. Nesse sentido a história oral é acima de tudo também social, construída a partir da relação identitária⁶ estabelecida entre os sujeitos por resultado de uma vivência culturalmente construída entre os sujeitos que tem lembranças comuns, e se estes possuem essas lembranças coletivas, o fazem necessariamente por fazerem parte de grupos sociais comuns, com aspectos sociais, simbólicos e materiais comuns, aspectos vinculados ao processo de identificação e construção dos sujeitos a partir da intermédio de experiências individuais refletidas no coletivo.

⁴ Estudo comparativo entre as feiras nortistas portuguesas e nordestinas brasileiras

⁵ Tal concepção se baseia nos teóricos da História Oral e memória: Bosi (1998), Thompson (1998), Meihy (2002), Portelli (1997) Le Goff (1990), Halbwachs (1990).

⁶ Essas identidades que nos referimos podem ser expressas nas procedências regionais, étnicas, de opções religiosas, de gênero, preferência de corrente política, entre outras.

II. A oralidade sobre as feiras, de autoria dos feirantes e fregueses

A feira de Ponte de Lima, localizada na região norte de Portugal, constituiu ao longo dos séculos um pólo dinamizador da actividade económica regional, uma vez que concentrava pessoas de várias localidades do districto de Viana do Castelo, bem como de toda a província do Minho e da região da Ribeira Lima. A feira realizava-se quinzenalmente às segundas-feiras, e até hoje ainda é assim.

Representa a feira mais antiga do território português⁷, datada de 1125, diante do Foral concedido por D. Teresa, que condenava o pagamento de 60 soldos a todos os homens que viessem à feira. As feiras portuguesas desde a sua origem foram consideradas como encontros periódicos, realizados uma vez por semana, quinzenalmente ou uma vez por ano, e sendo anual, como as feiras francas duravam e ainda duram quando tem uma semana inteira. Na sua origem serviam como suporte para suprir as necessidades das explorações económicas da zona rural, que tinham como principais produtos no inverno trigo, centeio, aveia e cevada e no verão o milho, a uva para o fabrico de vinho, os legumes, feijão, favas, ervilhas, lentilhas, maçãs, peras, ameixas, figos, pêsegos, nozes, avelã, o linho para o vestuário, se vendia tecidos nas feiras, e ainda se conserva algumas barracas para comercialização de tecidos e manufaturas de armarinhos, e principalmente no passado o comércio do gado vivo.

A feira de Ponte de Lima também se constituiu e ainda conserva como um espaço de trocas de informações e de sociabilidades. “Era nas feiras que se obtinham notícias do que se passava pelo mundo, do resultado das colheitas das regiões circunvizinhas, se trocava idéias, contavam histórias, lendas...”(GOMES, 2002: 9). As feiras são lugares de convivência, de sociabilidades, de encontros e desencontros, de concordâncias e de discordâncias, ou seja, consideramos⁸ as feiras como verdadeiro mosaicos de espaços de sociabilidade, onde a relação estabelecida entre tempo, agentes sociais e processos, concorre para que à vida cidadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano. Tais espaços são considerados como lugares que vão além de um simples local de compra e venda de mercadorias a locais sobretudo privilegiados onde se desenvolvem uma série de relações sociais, de sociabilidade, ponto de encontro tradicional de amigos ou de simples conhecidos,

⁷ Afirmação presente em RAÚ, 1981: 63

⁸ Idéia extraída do texto: IDENTIDADES PLURAIS EVIDENCIADAS NOS ESPAÇOS DAS FEIRAS LIVRES LUSO-AFRO-BRASILEIRAS da mesma autora, apresentado no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Linha temática: Identidades, etnicidade e racismo, realizado em Braga em fevereiro de 2009.

lócus escolhido para os mais variados atos da vida social mantendo assim um sentido de permanência e de identidade, fato comprovado no depoimento da freguesa entrevistada Sra. Carmem Santos⁹ “É o local onde se há muita coisa para comprar e para conviver, é uma distração, há pessoas que tiram a segunda para se juntar, passear depois do final de semana”, Sr. Américo Macedo¹⁰, feirante 20 anos do ramo de peixes, quando indagado a respeito do seu atrativo em relação à feira diz: “O trabalho em si, por onde ganhamos a nossa vida, lidar com os clientes, os passatempos com os nossos vizinhos, nossos colegas, fazer amizades e inimizades também”, acrescenta ainda quando indagado sobre as alegrias e tristezas vivenciadas na feira: “Tristes, quando sabemos que algum familiar faleceu, e alegre: a convivência com os nossos vizinhos de barracas, e quando não se vende não fazemos farra, mas nos divertimos uns com os outros” a feira de Ponte Lima ainda é no presente um lugar de sociabilidades e de diversão, sobretudo para aqueles que conviveram nesse lócus no passado e portanto rememorizam quando revisitam. É o caso da freguesa há mais de trinta anos Maria do Céu¹¹, diz: “Para mim que desde pequeninha vim e gosto de vir. A feira de Ponte de Lima é uma feira popular, as pessoas quando vêm aqui vem pq gostam da feira, é tradicional e tem de tudo um bocadinho, é uma feira importante para nós da região...”

Ainda hoje a feira de Ponte de Lima ainda é considerada como uma das mais concorridas de feirantes e fregueses no norte de Portugal, com oitocentos feirantes cadastrados, arrecadando para a câmara, vinte cinco mil euros por feira¹², e também dada a diversidade de produtos comercializados, apreciada também pelo artesanato e apresentações musicais com apresentações de danças típicas da região. Em que pese a evolução tecnológica ainda se mantém alguns hábitos do passado como “marralhar” ou “regatear” os preços dos produtos, a venda de alguns produtos típicos da região como tamancos em madeira para as lavradeiras que residem nas aldeias, às sardinhas, cestarias, o bacalhau, adereços para animais, a travessa de barro, a caneca, o artesanato, é o que diz o fiscal MARTINS já citado anteriormente: “(...) É muito importante, ainda faz escoamento dos artigos dos lavradores do concelho, ainda se ver: milho, centeio, linhas, ovos, recebe pessoas de cinquenta freguesias, fora outros concelhos. A feira de Ponte de Lima é a segunda maior do país, Barcelos é a

⁹ Entrevista concedida à autora pela freguesa Carmem Santos, freqüentadora da feira há mais de 40 anos, em 10 de dezembro de 2007, na feira quinzenal de Ponte de Lima.

¹⁰ Entrevista concedida à autora pelo feirante Sr. Américo Macedo, comerciante na feira há mais de 20 anos, em 10 de dezembro de 2007, na feira quinzenal de Ponte de Lima.

¹¹ Entrevista concedida à autora pela freguesa há mais de trinta anos Maria do Céu, em 10 de dezembro de 2007, na feira quinzenal de Ponte de Lima

¹² Entrevista concedida à autora pelo fiscal municipal há mais de 30 anos, Sr. Antonio Martins, em 10 de dezembro de 2007, na Câmara municipal de Ponte de Lima.

principal”. Na mesma direção em relação à importância e a diversidade de mercadorias temos o depoimento da freguesa Maria do Ceú, já citada anteriormente: “É mais cômodo, e eu gosto sempre de comprar aqui porque são coisas que as pessoas trazem de casa, são produtos mais naturais, e a roupa tem diversas roupas, não são roupas de marca mas são mais confortáveis, dar para o nosso dia-a-dia.” Continua em relação ao hábito de “marralhar” ou “regatear” que vemos nas feiras, sendo também um importante atrativo sobretudo se comparado aos supermercados,“(…) gosto de vir aqui por causa disso pela amizade, pelo jeito como as pessoas acolhem, diferente dos supermercados, e se quiser fazer desconto, as pessoas dão enquanto nos supermercados é o que está lá mesmo”.

Mesmo ainda representando um espaço de grande importância para a economia local, para a manutenção do tradicional e como lugar de sociabilidades a Feira de Ponte de Lima tem sofrido ameaças constantes da concorrência, nos referimos aos hipermercados, lojas e centros comerciais, que estão espalhados por todo o concelho e vizinhança. Sabe-se que em Portugal e nos demais países capitalistas, a exemplo do Brasil, o século XX foi marcado pela urbanização da sociedade e, ao longo destes cem anos, inúmeras foram às transformações que ocorreram na produção, na distribuição, na troca, no consumo e nas relações sociais. A dinâmica social e espacial deste período é caracterizada pelo novo formato de vida urbana, e nesse mundo urbano de transformações o comércio tem tido papel de destaque, pois a sociedade capitalista, tem reproduzido seus objetivos a todo instante. Novas formas de consumo foram implantadas sobretudo nesses novos lugares de comércio a exemplo dos Supermercados, *os Shopping Centers*, os Hipermercados, as Franquias e as Lojas de Conveniência. Os supermercados se constituem em superfícies comerciais que concentram territorialmente e financeiramente o capital, possibilitando às pessoas encontrarem num mesmo local, um grande conjunto de mercadorias disponíveis para seu abastecimento, não sendo necessário ir a vários pontos da cidade para a compra de produtos. (PINTAUDI, 1981: 37-54.), aquilo que também representa a feira para alguns, como diz a freguesa Sra. Piedade¹³ “Preços, compará-los e mais variedade, nas lojas antigamente tinha mais coisas, são coisas específicas, na feira não tem de tudo um pouco é quase um shopping, costume dizer que é o shopping dos pobres.” Contrariando essa fala, boa parte dos fregueses e feirantes se reportam a diminuição do movimento da feira tendo em vista a chegada das grandes superfícies,

¹³ Entrevista concedida à autora pela freguesa Piedade, frequentadora da feira há mais de 30 anos, em 10 de dezembro de 2007, na feira quinzenal de Ponte de Lima

vejamos o que diz o feirante Sr. Manoel Ferreira¹⁴, quando indagado sobre as diferenças na feira de hoje e de vinte anos atrás, responde: “As grandes. Superfícies vieram tirar as feiras, as pessoas se afastaram e a tendência é se acabar, está difícil. Antes ganhava-se dinheiro hoje gasta-se. Na mesma direção encontramos os depoimentos da também feirante Sra. Maria José¹⁵ : “Diferença está baixo o negócio, falta de dinheiro e muitos hipermercado, baixa o nosso negócio”. E da freguesa já citada anteriormente Maria do Céu, “Diferenças, hoje há mais supermercados, (cita dois supermercados) as pessoas vem à feira, mas os supermercados tiraram muito as pessoas das feiras, porque antes as pessoas vinham mais.”. O também já citado fiscal Sr. Antonio Martins, faz a mesma observação: “Concorrência, tendência a se acabar. O comerciante local está a se acabar por causa dos hipermercados e produtos chineses.” Percebemos contudo, muitas diferenças em relação ao passado limiano da feira, agora também com os novos atores os chineses e os ciganos.. “Ir a feira é competir com as grandes superfícies¹⁶ (...) vemos agora um grupo de pessoas que passou a dominar o espaço das feiras: os ciganos (...) temos uma pequena amostra do que é a feira de hoje: vende-se sapatos, roupas interior, camisolas e a t’shirt da moda” (CAMPELO, 2007: 113), é o que diz o fiscal Antonio Martins:” (...) Tivemos ouro e prata e hoje não tem mais, hoje temos artigos modernos: chineses e ciganos vendem.”

Percebemos contudo, que a Feira central de Campina Grande-PB, localizada na região nordeste do Brasil, atravessa pelos mesmos problemas, no que concerne a concorrência das grandes superfícies. Localizada no centro da cidade, convive com supermercados ao seu redor, bem como com lojas comerciais, restaurantes. No entanto, também se constitui como lugar de memórias¹⁷, de lembranças, de tradições, de sociabilidades, além de ser local de fonte de renda para aqueles que sobrevivem dela, como ofício e sustentáculo para muitas famílias.

A origem da feira de Campina Grande, se confunde com a própria formação da cidade, como também é responsável pelo desenvolvimento dele. A cidade servia como entreposto comercial¹⁸, dada a sua localização geográfica.

¹⁴ Entrevista concedida à autora, pelo feirante Sr. Manoel Ferreira comerciante do ramo de peixes há mais de 30 anos, em 10 de dezembro de 2007, na feira quinzenal de Ponte de Lima.

¹⁵ Entrevista concedida à autora, pela feirante Sra. Maria José, comerciante em há mais de 10 anos, em 10 de dezembro de 2007, na feira quinzenal de Ponte de Lima

¹⁶ Fato também observado por Álvaro Campelo no texto: Patrimônio imaterial de Ponte de Lima. Editado pelo município de Ponte de Lima.

¹⁷ ver ARAÚJO, 2006:86

¹⁸ ver ALMEIDA, 1964:56

Junto com as reformas urbanísticas do século XX, sobretudo na década de 1950-60¹⁹ a feira se adaptou ao novo formato da cidade. Hoje conta com mais de 300 boxes, fora os ambulantes e feirantes não cadastrados.

Em relação especificamente a feira de Campina Grande-PB verificamos que a maior parte das características comungam com as da feira de Ponte de Lima, a exemplo da feira como lugar de sociabilidade, é o que diz o feirante Joaquim Pereira²⁰ “(...) encontro meus fregueses fora da feira e os considero como amigos, aqui a psicologia rola para conversar e tudo mais, e dar conselho”, na mesma direção temos o depoimento da freguesa Maria de Fátima²¹: “Gosto de vir, amigo aqui é uma beleza, é uma festa de amigos, por isso é que eu venho mais, (...) para mim aqui é uma festa dia de sábado, porque é alegre, n dia que eu não venho no sábado não sei que dia é, é muito bom, a gente palestra, compra o que quer... A feirante Viviane²² diz: ” a feira é um divertimento, pode está com o problema que for mas conversa se diverte e esquece.” A freguesa Joana Pires²³: “tenho feirantes amigos sim lógico adoro aquele povo, me relaciono muito bem com eles” . Também em relação a os novos formatos de diminuição dos fregueses nas feiras, devido sobretudo a os novos hábitos de consumo, ou melhor de lugares de consumo, é o caso específico dos centros comerciais, shopping centers, supermercados e centros de abastecimento, como as ceasas.

Percebemos contudo nos depoimentos proferidos pelos entrevistados que nas feiras de Portugal e do Brasil, os sujeitos se identificam com os valores que são interessantes Para cada grupo social. Nesse sentido os feirantes discorrem sobre a feira naquilo que lhe é mais representativo, ou seja, a movimentação, as vendas, os negócios. Já os fregueses, também a partir dos seus valores e interesses, buscam a feira pela diversidade de mercadoria, pela credibilidade, ou legitimidade dos produtos e sobretudo pelos preços das mercadorias, por serem mais “em conta”.

Concluimos portanto, o presente texto afirmando a tese que as feiras tiveram grande importância para a economia local desde a era medieval. No entanto, na contemporaneidade, sobretudo nas décadas de 70 e 80 do século XX, essas feiras cederam lugar aos lugares

¹⁹ ver SOUSA, 2001:89

²⁰ Entrevista concedida à autora pelo feirante Joaquim Pereira, comerciante há mais de 20 anos, em 20 de fevereiro de 2008, na diária de Campina Grande-PB

²¹ Entrevista concedida à autora pela freguesa Maria de Fátima, 82 anos, freqüentadora há mais de 50 anos, em 20 de fevereiro de 2008, na diária de Campina Grande-PB

²² Entrevista concedida à autora pela feirante Viviane comerciante de raízes a mais de 8 anos, em 20 de fevereiro de 2008, na diária de Campina Grande-PB

²³ Entrevista concedida à autora pela freguesa Joana Pires, freqüentadora há mais de 40 anos, em 27 de fevereiro de 2008, na diária de Campina Grande-PB

modernos a exemplo dos supermercados e centros comerciais, os shopping centers. A globalização e a abertura de mercado trouxe a livre concorrência às cidades, desencadeando a diminuição crescente da movimentação comercial das feiras. Mas o fato é que apesar de toda essa concorrência as feiras ainda continuam existindo e com forte tendência a continuarem em virtude de sua representação como locus de sociabilidade de ressignificação de memória e patrimônio.”

Referências

ALMEIDA, Elpídio. História de Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1964.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande-PB. Campina Grande: Agenda, 2006.

IDENTIDADES PLURAIS EVIDENCIADAS NOS ESPAÇOS DAS FEIRAS LIVRES LUSO-AFRO-BRASILEIRAS. In: X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2009, Actas do evento, Braga, 2009.

ARAÚJO, José Rosa de. Como teria nascido a feira e a vila de Ponte de Lima? Edição da Câmara Municipal de Ponte de Lima e do CER- centro de Estudos Regionais. s/d

CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA, Regulamento de feiras do concelho de Ponte de Lima. 28 de fevereiro de 1987.

CAMPELO, Álvaro (coord.). Patrimônio imaterial de Ponte de Lima. Editado pelo município de Ponte de Lima, Impressão e acabamento Rainho & Neves, LDA, 2007.

GOMES, José Aníbal Marinho. D. Teresa e a Vila de Ponte. Alguns subsídios bibliográficos e históricos. Separata da revista “O anunciador das feiras Novas” Ano XIX Ponte Lima, 2002.

PEREIRA, Jr. Francisco: Feira de Campina Grande, um museu vivo na cultura popular de folclore nordestino. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

PINTAUDI, S. M. O lugar do Supermercado na cidade Capitalista. Geografia, 1984, vol.9 n. 17-18, pp.37-54.

RAU, Virgínia. Feiras Medievais portuguesas. Subsídios para seu estudo. Lisboa: Editorial Presença, 1981

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. Cartografias e imagens da Cidade: Campina Grande-1920-1945. Campinas-SP: Tese de Doutorado em História, 2001 mimeo;

VIEIRA, José Manuel Ferreira. A feira de Ponte de Lima. Exploração pedagógica/ didática de um videograma. Departamento de Ciências da Educação da Criança CEOFOPE. Universidade do Minho, Braga, Mimeo, 1995.